

Como citar esse artigo: ALMEIDA, Djennifer Z. de; SOUZA, Greici. Discutindo o ensino de geografia através da geografia crítica: considerações a partir do estágio supervisionado de licenciatura em geografia II, turma 2º A, 2012 – colégio de aplicação, UFSC. In: FERRETTI, Orlando. **Artigos da disciplina estágio curricular supervisionado em geografia II**: segundo semestre de 2017. Florianópolis: NEPEGeo; UFSC, 2017.

A IMPORTÂNCIA DAS METODOLOGIAS DE TRABALHO DE CAMPO E DO USO DOS QUADRINHOS E CHARGES NO ENSINO DA GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS¹

Djennifer Zoboli de Almeida

Greici Souza²

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo

Os autores estudados e as experiências vividas durante a disciplina de Estágio Curricular Supervisionado de Licenciatura em Geografia, em especial a prática docente realizada na turma 382 da 8ª série do Ensino Fundamental II, na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA), no Colégio Municipal Maria Luiza de Melo em São José/SC, revelaram que esses estudantes apresentam um perfil diferenciado e necessitam de abordagens diferentes das utilizadas no ensino regular, que atendam às especificidades da EJA. Este artigo questiona a tendência defasada e ultrapassada das metodologias tradicionais de ensino, apresentando o trabalho de campo e os quadrinhos e charges como propostas metodológicas de ensino que possam atrair a curiosidade e o despertar do conhecimento dos alunos da EJA.

Palavras-chave: metodologia de ensino; ensino de Geografia; Educação de Jovens e Adultos.

Introdução

Este texto traz uma abordagem acerca das práticas voltadas ao ensino da Geografia enquanto disciplina no âmbito escolar, em especial na Educação de Jovens e Adultos (EJA), a partir das experiências compartilhadas durante a disciplina de Estágio Curricular Supervisionado de Licenciatura em Geografia. O estágio obrigatório foi realizado na 8ª série do Ensino Fundamental II da EJA, no Colégio Municipal Maria Luiza de Melo, localizado no bairro Kobrasol, no município de São José/SC. O período dedicado à observação e as práticas de ensino, vivenciadas durante o estágio, apontaram a necessidade de trabalhar na Educação de Jovens e Adultos (EJA) com abordagens diferentes das realizadas com as crianças e adolescentes do ensino regular.

¹ Artigo para a conclusão de Estágios Supervisionados de Licenciatura em Geografia I e II, com ênfase na prática de ensino realizada no segundo semestre de 2017.

² Graduandas de licenciatura em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.

Os alunos da EJA apresentam um perfil diferenciado, características e particularidades que não aparecem no ensino regular, são estudantes com idade acima da apropriada para frequentar determinada série/ano, oriundos de um processo de fracasso e evasão escolar. São indivíduos das classes populares, fruto de uma exclusão causada pelas condições sociais, em sua maioria são adultos, trabalhadores, subempregados, geralmente responsáveis pelo sustento da família. Por diversos motivos abandonaram a escola e trazem consigo um histórico de exclusão escolar, que buscam no retorno a escola e continuação dos estudos obter o certificado de conclusão da Educação Básica, que irá proporcionar novas oportunidades de trabalho, possibilidade de crescimento profissional, aumento da renda e melhoria da qualidade de vida.

Esses estudantes possuem conhecimentos informais adquiridos através das experiências vividas, uma bagagem cultural e uma trajetória de vida que não pode ser ignorada pelo professor. Com isso, se torna mais que necessário que a prática docente procure estimular a participação e a motivação desses alunos no processo de ensino-aprendizagem, tornando-o significativo, e para isto é preciso fazer a ligação entre o conteúdo que será apresentado com os interesses e a realidade social que os rodeia.

A partir do contato com essa modalidade de ensino, para responder a nossa inquietação como futuras professoras, este artigo questiona a tendência pedagógica defasada no ensino da Geografia, apresentando o trabalho de campo e os quadrinhos, cartuns e charges como propostas metodológicas de ensino que possam atrair a curiosidade e o despertar do conhecimento dos alunos da EJA. Este trabalho tem por finalidade pensar a possibilidade de utilizar em aulas de Geografia, aquilo que não conseguimos nos nossos estágios obrigatórios, que se permita descobrir a Geografia e as formas de aprender a Geografia sob uma estratégia e recurso didático que propicie a pesquisa e a experimentação dos estudantes. Qualquer recurso didático é bem-vindo no diálogo estabelecido entre professor-aluno, e no que se convencionou chamar o processo de aprender-apreender, ou aquilo que também se debate sobre a noção de ensino-aprendizagem.

Para compreender o processo de ensino-aprendizagem nas chamadas novas estratégias em Geografia, buscamos fundamento nos estudos de diversos autores, mas em especial de nossa prática docente. Apesar de haver uma tendência defasada e ultrapassada da metodologia tradicional, que está em voga, não temos a pretensão de

fazer juízo de valor sobre essas metodologias, e sim apresentar o trabalho de campo e os quadrinhos, cartuns e charges como técnicas para incrementar as práticas utilizadas nas aulas, que podem ajudar no aperfeiçoamento do ensino da Geografia.

O ensino da Geografia e a Educação de Jovens e Adultos

A Geografia como disciplina, deve propiciar a construção de um saber escolar, a partir dos conhecimentos geográficos produzidos na academia, nos conhecimentos prévios dos alunos adquiridos na sua vivência com o espaço geográfico e os caminhos metodológicos articuladores de todos esses conhecimentos, aproximando o conhecimento escolar da vida cotidiana e contribuindo para o entendimento do mundo atual e das relações sociais entre os sujeitos (PONTUSCHKA *et al.*, 2009).

Para Cavalcanti (2012), há um descompasso entre o que se produz no campo científico da Geografia, com análises relevantes sobre diferentes dilemas e questões da atualidade, e a prática dessa disciplina na escola onde é disseminada a ideia de que a Geografia cuida de ensinar aos estudantes um conjunto de fatos e dados do mundo para serem memorizados. Não é dada a devida importância aos conteúdos geográficos na formação das pessoas, nesse sentido é necessário nos questionarmos sobre a metodologia tradicional de ensino e buscar aplicar outras técnicas, assim como desenvolver novas formas de ensino, para que os educandos possam compreender melhor o lugar em que vivem e sua própria inserção no mundo.

De acordo com Callai (2013), o espaço construído é resultado da história das pessoas e dos grupos que nele vivem, da forma como trabalham, produzem, se alimentam e usufruem o lazer, resgatando a questão da identidade e a dimensão de pertencimento. É fundamental, neste processo, reconhecer os vínculos afetivos que ligam as pessoas aos lugares, as paisagens e torna significativo o seu estudo.

Quando mencionamos ensino nós buscamos a noção de mediação de conhecimento, e assim, por conseguinte a troca desse conhecimento. Quem ensina não passa apenas dados e informações, o exercício do conhecimento é a própria noção do aprender-apreender. Quem aprende algo pode interpretar-descrever, e assim transmitir.

Transmitir significa que não apenas o conteúdo, mas aquilo que está além do conteúdo pode ser ressignificado.

A Metodologia Científica, principalmente aquela ciência metodológica aplicada a partir do ensino da Geografia tem relevância nesse momento histórico onde a tecnologia computacional e a propagação da Internet avançam, transformando o comportamento do aluno e do professor em sala de aula. Não são raras as queixas de professores e alunos no aprender-apreender a Geografia nos dias de hoje. O professor, atualmente, é mais um mediador do conhecimento do que um transmissor desse conhecimento. Este professor precisa ter múltiplas habilidades em diversas outras materialidades para ser mais que um mediador, e sim um transformador da vida do aluno a partir do entendimento da Geografia como uma ciência. A qual tem em seu próprio objeto de estudo a atuação do homem no meio em que vive, além de descrever e analisar os fenômenos físicos, biológicos e humanos que variam no espaço.

Existem vários tipos de recursos materiais e técnicas para contribuir no processo de ensino-aprendizagem em Geografia. São diversos os métodos e estratégias que podem ser utilizados para atingir os objetivos educativos. O cinema, a música, o desenho (mapas, quadrinhos) e as imagens, o trabalho de campo, o estudo do meio e tantos outros, são todos exemplos de materialidades possíveis para fazer o aluno interpretar-descrever o texto (que não é apenas aquilo que está escrito, e sim qualquer linguagem) e o contexto aos quais estão inseridos.

O presente artigo apresenta o trabalho de campo e as histórias em quadrinhos, cartuns e charges como técnicas e metodologias que podem ser utilizadas nas aulas de Geografia na EJA, para que o professor proporcione aos alunos uma relação de ensino e aprendizagem, através desses recursos didáticos e pedagógicos, mais instigante e motivadora.

A motivação é mais do que necessária no ensino-aprendizagem. Ela deve ser uma troca. Troca de experiências. Poderíamos até afirmar que ela é sim, um compartilhamento das experiências somadas, isso porque o processo do ensino-aprendizagem se dá para além do individual, aprendemos coletivamente. A motivação pode ser traduzida como aquisição de novas competências, e pode ser utilizada no processo de ensino-aprendizagem na aplicação da leitura e da escrita, assim como no ensino de Geografia. Segundo Prestes (2007, apud PRESTES, 2009, p. 99):

[...] quando coincide haver interações (consenso) entre as competências individuais e coletivas – uma ação dialógica - envolvendo as diferentes competências dos agentes envolvidos, existe maior possibilidade de haver transformação e uma nova auto-organização: a aprendizagem. Por outro lado é importante perceber que, a aprendizagem, por si mesma, não garante o atendimento das necessidades motivacionais. Uma pessoa pode adquirir novas competências (aprendizagem) sem que estas, estejam efetivamente sendo utilizado na contemplação das necessidades cotidianas, objeto de motivação para o estudo e para a aprendizagem, como por exemplo, aplicar a leitura e escrita aprendida para melhorar o trabalho ou nas orientações no espaço urbano.

A motivação permite instigar o aluno por meio de um processo reflexivo, onde razão e emoção precisam ser estimulados pelo professor, ou mesmo pelo autor de um texto em Geografia. Para Pontuschka (2000, p.152) “[...] A linguagem do aluno, assim como a das pessoas em geral, está impregnada de significados, de conhecimentos, de emoção, de afetos, sendo que alguns são explícitos, enquanto outros precisam ser desvelados por meio de acurada reflexão”.

A Geografia talvez seja a ciência mais abrangente e ao mesmo tempo a que mais sofre influências das outras ciências: a mais controvertida. Analisa as mudanças que o homem processa na sua caminhada histórico-científica, mas não é capaz de antevê-las. Esta ciência que nasceu para servir os ricos dominantes tornou-se a mais crítica desse sistema que ajudou construir. Todo esse antagonismo, toda essa múltipla abrangência técnico-científica e filosófica que torna essa ciência atraente. Entretanto, nada é mais atraente que o próprio objeto da Geografia, que é a relação do homem no espaço (meio ambiente) em que vive; construindo, modificando e se adaptando dentro do espaço que escolheu para viver. E não há nada mais dignificante do que acompanhar, discutir e inculcar nesse homem o conhecimento de seu espaço, a importância da sua participação na evolução histórica da humanidade. Atualmente nenhuma ciência se preocupa (envolve) tanto com o homem (ser/agente transformador) e seu espaço (construído histórico-científico), assim como todas as transformações e fenômenos nele causado, do que a Geografia.

Para Pontuschka (2009) a geografia escolar contribui para os alunos e professores enriquecerem suas representações sociais assim como seus conhecimentos sobre as múltiplas dimensões da realidade social, natural e histórica, proporcionando um melhor entendimento do mundo em seu processo ininterrupto de transformação, ou seja, o momento atual da chamada mundialização econômica.

De acordo com Cavalcanti (2011) a escola é voltada quase que exclusivamente ao público jovem. Jovens que possuem diferentes tipos de comportamentos e interesses que tanto podem ser ruins ou bons, e que é de extrema importância conhecê-los para poder ensinar Geografia. Para efetuar o processo de ensino-aprendizagem é importante identificar os fatores que os motivam. Compreender o universo e a complexidade desses jovens é a linha de frente do professor, não é defender uma psicologização da sala de aula, é buscar compreender o cotidiano escolar e a sala de aula como fatores relevantes no processo de desenvolvimento cognitivo, social e emotivo dos alunos.

Em algumas escolas públicas, além da Educação Básica no ensino regular, encontramos a modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos (EJA), a qual se caracteriza por atender um público diferenciado, formado por alunos que não são mais crianças, são jovens, adultos e até mesmo idosos. E o que a autora Cavalcanti coloca a respeito da extrema importância de conhecer o público jovem, também se enquadra na EJA, pois o que ela defende é que o professor precisa conhecer seus alunos, independente da faixa etária, para que a partir desse conhecimento e proximidade com os educandos, o professor possa utilizar-se de técnicas e recursos didáticos que motivem os alunos no processo de ensino- aprendizagem.

A Educação de Jovens e Adultos é um direito dos brasileiros assegurado por Lei, a Constituição Federal de 1988, prevê no artigo 208, que a educação é um dever do Estado, e esse deve disponibilizar a “educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria” (BRASIL, 1988). Da mesma forma, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, estabelece no artigo 37, que “a educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou oportunidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria” (BRASIL, 2006). Com isso, a EJA está presente nas políticas públicas em educação, sendo de responsabilidade dos estados e municípios oferecer essa modalidade de ensino de forma efetiva, promovendo a inclusão educacional e social dos indivíduos excluídos da escola. Porém, segundo Mafra e Fernandes (2014) “diferentemente do que ocorreu com as demais modalidades e níveis de ensino, a LDB não estabeleceu a forma como o ensino da EJA dar-se-ia”. Sendo assim, cada município define a estrutura e o método utilizado, existindo diversas formas e experiências nesse âmbito realizadas no Brasil.

Podemos citar propostas pedagógicas diferentes de EJA em dois municípios vizinhos, Florianópolis e São José. Conhecemos a realidade da EJA de São José ofertada no Colégio Municipal Maria Luiza de Melo, onde realizamos nosso estágio, e referente à EJA de Florianópolis conseguimos informações através das discussões e experiências trocadas durante as disciplinas da licenciatura, mas para subsidiar as comparações utilizamos a leitura do artigo de Mafra e Fernandes (2014), que retrata as diferenças entre os dois projetos. A principal delas é o método de ensino, em Florianópolis o objetivo é a pesquisa em sala de aula, promovendo o desenvolvimento de exercícios investigativos, motivados por meio da problematização e dos interesses dos próprios alunos, organizado em ciclos de aprendizagem articulados com os níveis de letramento, expectativas de aprendizagem por área do conhecimento e a adoção de sequências didáticas como instrumentos de planejamento. A EJA de São José segue um projeto mais tradicional, organizado em módulos, onde cada semestre equivale a um ano do ensino regular, com aulas expositivas e centradas na fala do professor, que é responsável pela escolha dos conteúdos, que são ministrados de forma bem resumida, em função do tempo e cronograma apertados. A experiência vivida em sala de aula, em uma turma da EJA, nos mostrou que um projeto que valoriza a pesquisa e a interdisciplinaridade permite ao professor utilizar diversas metodologias e dispor de tempo extra para realizá-las, e estas são questões importantes que influenciam diretamente no processo de ensino-aprendizagem dos alunos.

Os educandos da EJA apresentam duas características importantes que influenciam no modo como esses sujeitos se tornam sujeitos de aprendizagem e devem ser consideradas nas práticas de ensino: a condição de indivíduos adultos que possuem conhecimentos informais através das experiências vividas; o histórico de exclusão educacional, por motivos que variam desde os de ordem pessoal, como cansaço após a jornada de trabalho, desestímulo e alimentação deficiente, até os que dizem respeito ao sistema educacional, como metodologias e recursos pedagógicos inadequados (MACHADO e MATTOS, 2014).

São muitos os desafios encontrados pelos professores para exercer suas funções, principalmente na EJA, visando um processo de ensino-aprendizagem que seja eficaz e motivador para o educando, tornando-se necessário buscar formas mais atraentes de ensino dentro e fora da sala de aula (KENSKI, 2012).

Na educação de jovens e adultos é imprescindível que o professor seja o mediador entre os conhecimentos prévios dos alunos e os que se pretende transmitir, já que o educando possui um conhecimento informal rico e sente-se valorizado e motivado quando percebe que pode contribuir e participar do processo ensino-aprendizagem, não como mero espectador, mas como um agente formador e transformador do conhecimento. Portanto, articular a vivência dos alunos ao conteúdo facilita o aprendizado, bem como por deterem conhecimentos amplos e diversificados, podem enriquecer a abordagem escolar, formulando questionamentos, confrontando possibilidades e propondo alternativas a serem consideradas (MACHADO e MATTOS, 2014).

A partir dos conhecimentos acerca do ensino de Geografia e as especificidades da modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos, apresentamos a seguir duas metodologias que proporcionam aos estudantes um aprendizado riquíssimo em Geografia, que podem ser utilizadas para tornar as aulas mais dinâmicas, atraentes e motivadoras, e consigam atrair a curiosidade e o despertar do conhecimento dos alunos da EJA.

O trabalho de campo

O trabalho de campo é uma ferramenta pedagógica que pode contribuir significativamente no processo de ensino-aprendizagem em Geografia, pois o aluno em campo passa a ser pesquisador, vai observar paisagens e espaços geográficos, entrevistar pessoas e coletar dados, a partir das suas referências conceituais e experiências de vida.

Na educação básica, em especial na educação de jovens e adultos, o trabalho de campo é um instrumento didático pouco utilizado, o que pode ser explicado por diversos motivos, destacando o tempo reduzido das aulas de Geografia, apenas 02 aulas de 40 minutos por semana, e a falta de recursos financeiros, tanto dos alunos quanto da escola, para a sua realização. Desse modo, a construção do conhecimento geográfico na rede escolar é comumente centrada no discurso do professor em aulas expositivas, utilizando os livros didáticos como único recurso pedagógico.

Uma das principais metodologias que tem princípios interdisciplinares, e trabalha muito com a ida ao campo, é o estudo do meio. O estudo do meio envolve uma proposição temática ou um tema-problema e, necessariamente, atividades nos ambientes

externos da escola, que começam com o planejamento em sala de aula para organizar roteiros e fontes de dados e/ou informações, definir o que será observado, coletado, descrito, registrado, programar após as atividades de campo a sistematização e a socialização dos resultados.

De acordo com Azambuja (2014), o estudo do meio pode ser entendido como uma metodologia de identificação e interpretação de uma realidade determinada, das conexões ou combinações naturais e sociais ali presentes. O trabalho de campo é uma etapa necessária para o desenvolvimento de um estudo do meio. O planejamento constará da elaboração dos objetivos e do conteúdo a ser buscado, da organização de materiais e da elaboração prévia de roteiros, da organização das formas de registro e sistematização de resultados, incluindo nessa finalização as interações ou as contribuições para o estudo do conteúdo em pauta.

Cabe ao professor construir e adaptar o currículo escolar à realidade dos estudantes, para facilitar a compreensão do espaço geográfico a partir da escala trabalhada, seja o bairro ou o município, relacionando com o contexto global. É preciso pensar novas formas de revalorizar o espaço de vivência e contribuir na educação do estudante cidadão. Os espaços de vivência, demarcados pelos muros da escola, representam uma distinção entre duas realidades de mundo: a rua e o interior da escola, distanciando algo que insiste em se aproximar (MACHADO e WIEDERKEHR, 2014).

Para Cavalcanti (2011), um ensino que centra suas ações na busca de uma aprendizagem significativa dos alunos deve ter como ponto básico o conhecimento dos mesmos, atentar-se para as diferentes experiências de vida, diferentes experiências espaciais, diferentes imaginários geográficos, diferentes lugares que vivenciam.

Em sua obra “Por uma outra globalização”, o geógrafo Milton Santos destaca que os lugares são, pois, o mundo, que eles reproduzem de modos específicos, individuais, diversos. Eles são singulares, mas são também globais, manifestações da totalidade-mundo, da qual são formas particulares. E continua afirmando que o lugar não é apenas um quadro de vida, mas um espaço vivido, isto é, de experiência sempre renovada, o que permite, ao mesmo tempo, a reavaliação das heranças e a indagação sobre o presente e o futuro. A existência naquele espaço exerce um papel revelador sobre o mundo (SANTOS, 2001).

A abordagem do professor de Geografia na EJA deve superar as práticas de um ensino tradicional e considerar que os objetivos dos educandos são diferentes do ensino regular, são indivíduos oriundos das classes populares, trabalhadores responsáveis pelo sustento da família (filhos, pais, mães e avós), que por diversos motivos abandonaram a escola, trazem consigo uma bagagem cultural e experiências vividas combinadas a um histórico de exclusão escolar, que buscam no retorno e continuação dos estudos, além de conhecimento, uma oportunidade de crescimento no emprego, aumento da renda e melhoria da qualidade de vida.

Nesse sentido, as atividades de campo tornam-se imprescindíveis, pois permitem ao estudante despertar para um posicionamento perante o saber teórico e para a realidade vigente, desmistificando a ciência e construindo um saber mais próximo do seu cotidiano. O campo surge como cenário de geração, problematização e análise do conhecimento, onde o conflito entre o real e a teoria ocorre com toda a intensidade.

Para Callai (2013), compreender o lugar em que vive permite ao sujeito conhecer a sua história e entender as coisas que ali acontecem. Esse estudo vai muito além do texto, pois vários são os lugares possíveis de se estudar. O importante é que sejam espaços significativos para a vida e do cotidiano dos alunos.

É no cotidiano das nossas vidas que percebemos as regras gerais do mundo globalizado e suas contradições, acentuadamente marcado pela tecnologia, em que o tempo se comprime cada vez mais e o espaço alarga-se pelas possibilidades de superação de distâncias e pelos meios de comunicação. Os lugares cotidianos funcionam como laboratórios para compreender o mundo e as diferentes formas de vida do homem (CALLAI, 2013).

De acordo com Machado e Wiederkehr (2014), para que ocorra efetivamente a relação ensino e aprendizagem é importante o planejamento prévio das aulas e as atividades de campo, preocupando-se com a unicidade, objetividade e pretensão de mostrar a realidade dentro da vida do estudante. O professor deve ter cuidado para que a ida a campo não sirva apenas como um procedimento de observação sem discussão, mas que seja um método de ensino capaz de abordar e dar novo significado ao que está sendo estudado.

Para alcançar os objetivos definidos na etapa de planejamento é fundamental que os estudantes reconheçam os conceitos, a construção, a ação humana sobre o mundo

e que explorem a curiosidade epistemológica a partir de uma aprendizagem contínua. A atividade de campo contextualiza a disciplina estudada, bem como mostra a ligação com outras disciplinas.

O trabalho de campo é uma oportunidade para o estudante aprender, retendo melhor as informações, a partir do momento em que o corpo interage de maneira ativa na exploração dos lugares, diferente das experiências em que o estudante é mero espectador. Além disso, a atividade de campo permite estreitar as relações entre professor e aluno, resultante da experiência em comum e da convivência entre os sujeitos envolvidos no ambiente escolar.

Os quadrinhos e as charges

O referencial teórico, deste texto, para discutir às tiras de quadrinhos e as charges se pauta em Eunice Isaias da Silva e Lana de Souza Cavalcanti (2008). As autoras em seu artigo publicado no Boletim Goiano de Geografia apontam para uma mediação do ensino-aprendizagem de Geografia e mencionam que a técnica ou recurso didático não é novidade no meio acadêmico.

Entendemos que os quadrinhos e as charges podem ajudar:

A leitura e a escrita podem ser permeadas pelo prazer (o riso), pela criatividade, pela criticidade e pela riqueza de análise, encontrados nas tiras de quadrinhos, charges e cartuns, cuja compreensão inclui imagem e texto(se houver). É a percepção do mundo pela observação do discurso, símbolos, sutileza das informações. Utilizar uma leitura agradável e ao mesmo tempo, instigadora, como instrumento auxiliar de ensino, para decodificar e interpretar o espaço vivido (SILVA, 2007, p. 45)

O ensino-aprendizagem em Geografia, considerando a utilização dos quadrinhos ou tiras de quadrinhos e do universo das charges, passa pelo debate do que é alternativo nessas práticas do aprender-aprender. Em verdade, são linguagens alternativas que vão além do verbal. De acordo com Silva e Cavalcanti (2008, p. 9):

Entende-se por linguagens “alternativas” outras formas de linguagem, além da verbal, e outros gêneros de texto, além dos gêneros didáticos tradicionais – o filme de ficção, o documentário, a música, a fotografia, a literatura, o texto jornalístico, o teatro, a charge, a internet, o jogo virtual, o computador e a Internet. Essas linguagens exigem abordagem interdisciplinar e articulação entre razão e sensibilidade, além de favorecer o conhecimento conceitual e a comunicação mais sintética. Cabe ao professor orientar o aluno no

desenvolvimento da capacidade de leitura das diferentes linguagens e gêneros de texto, pois cada um tem suas especificidades.

Antes de mencionarmos conceitos ou noções de quadrinhos e charges, faz-se necessário dizer da importância deste recurso para o aprendizado em Geografia. Em Silva e Cavalcanti (2008, p. 143), encontramos: “O cartum, a charge e os quadrinhos retratam muitas situações de conteúdo geográfico que podem ser analisadas em escalas local, regional, nacional ou mundial”. Na diferenciação entre cartuns, quadrinhos e charges, nós nos valemos do entendimento de Szarazgat (2014, p. 4):

As charges são conhecidas por serem caricaturas de personalidades famosas, nas quais são datadas e localizadas geograficamente. Já os cartuns e os quadrinhos são criações próprias do autor, que procuram ilustrar de forma universal certas situações do cotidiano ou da própria sociedade. Em ambas as ferramentas, as ilustrações são feitas de forma irônica, trazendo consigo sempre uma crítica sobre algum acontecimento no dia a dia que apareceu na mídia.

Ainda sobre as noções de charges e cartuns temos que: “[...] As charges e os cartuns estabelecem uma relação entre o conhecimento científico e a realidade do educando. Através das charges, o aluno tem um olhar crítico e mais sensível sobre a realidade que o cerca, e o objetivo destas ilustrações é provocar uma opinião sobre o que se passa no nosso espaço. (SZARAZGAT, 2014, p. 4).

Estudar, o processo de apreender-apreender, do ensino-aprendizagem pede que esta atividade seja prazerosa. Segundo Silva e Cavalcanti (2008, p.146): “Nesse aspecto, os quadrinhos, charges ou cartuns são tanto transmissores de informação, quanto agentes de lazer para grande número de pessoas que gosta deste tipo de leitura”. De acordo com Silva (2004, p. 24, apud Silva e Cavalcanti 2008, p.146) utilizá-los na escola é proporcionar aos alunos a ampliação da capacidade de observação e de expressão, além de inspirar o senso de humor e a crítica, também transformam o ato de ler em uma atividade prazerosa.

Essa é uma estratégia que o professor de Geografia pode aplicar na mediação dos mais diversos conteúdos, pois há uma grande diversidade de publicações com uma infinidade de assuntos abordados. Cabe ao professor fazer uma boa seleção desse material assim como definir a qual propósito didático-pedagógico esse recurso irá atender. Como exemplo, esse recurso pode ser utilizado para mediar conteúdos

referentes à cidade, ao meio ambiente, a questões sociais, entre muitos outros, além de possibilitar a análise em diversas escalas, o que proporciona uma grande riqueza no ensino da Geografia.

Na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA) torna-se necessário abordar temas que proporcionem ao grupo a conversa e a reflexão a partir do cotidiano vivido por eles, pois esses alunos possuem um perfil diferenciado. São em grande parte pessoas com uma rotina de trabalhador, acordam cedo, pegam ônibus, realizam um trabalho de mais ou menos oito horas diárias, geralmente são responsáveis pelo sustento da família, ou seja, são alunos que sobrevivem no mundo comum à maioria das pessoas, principalmente as de baixa renda. Porém, com uma rotina tão desgastante chegam a sala de aula já cansados, o que torna o trabalho do professor um grande desafio, o de não deixar que a aula seja maçante e entediante. Nessa questão as charges e os quadrinhos podem ser uma forma de fazer com que as aulas fiquem mais leves e interessantes, por trazer um pouco de humor, uma leitura diferenciada e mais divertida.

As charges, os cartuns e os quadrinhos podem levar a sala de aula fatos recentes, acontecimentos que fazem parte do cotidiano dos educandos, assuntos que dizem respeito a cidade em que vivem, os locais que costumam frequentar, além dos assuntos globais que interferem direta ou indiretamente em suas vidas. Elas podem ser utilizadas para: mostrar a história e a transformação do espaço na cidade em que eles residem e até mesmo apresentar as diferenças na construção das cidades; expor questões políticas e ambientais ligadas ao município; abordar relações de trabalho que fazem parte da rotina da maioria deles; entre outros, o importante é utilizá-las para demonstrar uma representação da sociedade na qual estão inseridos. A aplicabilidade desse recurso didático na EJA é bem interessante porque esses alunos, além de possuírem conhecimentos informais que não encontramos nas séries regulares, costumam acompanhar as notícias pela televisão, jornais, revistas entre outros, e por isso a utilização desse tipo de material didático pode atender melhor as necessidades de aprender-apreender desses estudantes, encontrando nos quadrinhos e charges uma interpretação da realidade que faz sentido com o que vivenciam no dia a dia.

A experiência de ensino na EJA

Durante a disciplina de Estágio Curricular Supervisionado de Licenciatura em Geografia realizamos nossa regência na turma 382 do período noturno, que corresponde a 8ª série do Ensino Fundamental II, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), no Colégio Municipal Maria Luiza de Melo, conhecido pela comunidade como “Melão”, localizado no bairro Kobrasol, no município de São José/SC. A escola atende estudantes oriundos de vários bairros de São José e oferta o ensino fundamental e médio nas modalidades regular e EJA, ambos são pautados na proposta curricular do município, sendo que o planejamento para a EJA é realizado em módulos, onde cada semestre equivale a um ano do ensino regular.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é destinada aos alunos que por algum motivo pararam de estudar, entre eles podemos mencionar: trabalho, repetência, maternidade precoce e a necessidade de auxiliar na renda da família. Entretanto voltaram à escola para dar continuidade aos estudos por motivos que geralmente também estão relacionados ao trabalho, onde buscam crescimento profissional, ou até mesmo um emprego, já que a maioria das empresas exige um nível de escolaridade. Há também aqueles que voltam para adquirir conhecimento e pela vontade de estudar, a fim de concluir a educação básica e quem sabe chegar ao curso superior.

Na turma que realizamos a nossa prática docente encontramos um misto de tudo isso, vários perfis de alunos, com idades bem variadas e uma faixa etária em torno de 18 a 50 anos, oriundos de diversas regiões do país (gaúchos, paulistas, nordestinos e baianos), que migraram para Santa Catarina por melhores condições de vida, e atualmente residem em São José. A escola está localizada no bairro Kobrasol, mas parcela significativa dos alunos reside em outras localidades do município. A maioria dos estudantes são trabalhadores, o que consequentemente faz com que esses já cheguem cansados a sala de aula, aumentando a dificuldade no aprendizado, dificuldade que também é agravada pelo tempo em que ficaram sem estudar. Toda a diversidade social, cultural e as especificidades do educando da EJA aumentaram o nosso desafio de lecionar, além do desafio já previsto, o de trabalhar os conteúdos em menos tempo que levaríamos no ensino regular.

Foram três meses de contato direto com os alunos, primeiro acompanhamos o professor da disciplina de Geografia e após o período de observação assumimos as

aulas. Nossa regência consistiu em 20 aulas de 40 minutos cada, distribuídas em dois dias na semana, onde procuramos trabalhar os conteúdos previstos de uma forma leve e compreensível por eles. As estratégias abordadas acabaram por seguir a linha mais tradicional de ensino com aulas expositivas e dialogadas. Pensamos várias vezes em fazer algo diferente, mas a estrutura escolar na qual estávamos inseridas não nos permitiu fugir do tradicional, a começar pela infraestrutura da sala de aula, não era apropriada para a turma, as mesas e cadeiras eram muito pequenas (baixas), pois o espaço era utilizado nos turnos matutino e vespertino pelas séries do ensino fundamental I, bem como não existiam equipamentos ou recursos além do quadro branco. Outra questão importante é que tínhamos apenas os horários das aulas para trabalhar com os alunos, não sendo possível pensar em atividade extraclasse, pois em função dos compromissos familiares e profissionais, esses alunos não dispõem de tempo livre voltado para o estudo, além daquele já estipulado.

Apesar das dificuldades encontradas, nossas aulas foram produtivas e nos proporcionaram um desenvolvimento, tanto acadêmico quanto profissional, muito rico na troca de experiências com os alunos, aprendemos bastante com essa interação em sala de aula, em especial pela bagagem cultural e os conhecimentos informais de cada um. Além disso, acreditamos que um dos grandes aprendizados foi na questão de adaptar os conteúdos, transformar o complexo em algo mais simples ligado a realidade vivenciada por estes estudantes, com elementos presentes no seu dia a dia.

Diante das condições expostas ao longo do texto em relação à experiência com os alunos da EJA, nos questionamos sobre as diversas metodologias e quais poderiam ser utilizadas para que proporcionassem aos alunos melhores resultados no processo de ensino-aprendizagem. Com esse objetivo resolvemos apresentar neste artigo metodologias que julgamos interessantes para auxiliar na prática docente: o trabalho de campo e o uso de quadrinhos, charges e cartuns.

O trabalho de campo por ser uma atividade investigativa e exploratória proporciona ao aluno observar na prática o que aprendeu na teoria. É uma metodologia muito importante para o ensino de Geografia, pois permite aos estudantes visualizar e entender melhor os fenômenos resultantes da relação entre a sociedade e espaço. Porém, é uma atividade que demanda recursos financeiros e tempo extraclasse, que necessitam que o aluno da EJA tenha disponibilidade para realizá-la em horários que extrapolam as

aulas, durante o dia ou final de semana. Com a estrutura da EJA que nos foi apresentada é muito difícil trabalhar os conteúdos com esse tipo de metodologia, porque os alunos não têm essa disponibilidade de tempo, em função da rotina de trabalho intensa e da atenção dispensada à família, além da falta de recursos para a sua realização. O que significa um grande prejuízo para esses estudantes, pois com a ida a campo poderiam compreender e visualizar os conteúdos abordados em sala de aula, ligando a teoria com a prática. A possibilidade de observar a paisagem urbana identificando suas transformações e a sua dinâmica, faz com que os alunos não se vejam apenas como observadores, mas também como parte integrante de todos esses processos, percebem que também são produtores deste espaço, contribuindo para a formação de sujeitos críticos e conscientes enquanto cidadãos.

Considerando as limitações para a utilização do trabalho de campo nos moldes da EJA fragmentada em módulos, principalmente para minimizar a falta de tempo e recursos, apresentamos como possibilidades a adoção de uma prática interdisciplinar do conhecimento, que poderia ser vinculada à pesquisa como acontece na EJA de Florianópolis, e a exploração de espaços conhecidos pelos estudantes, como os ambientes próximos da escola. Trabalhar com os temas de forma interdisciplinar permite que o trabalho de campo seja uma ação articulada entre todas as disciplinas e professores de todas as áreas ampliando as experiências, reflexões, debates e o período necessário para a concretização dos objetivos. Além disso, a ida a campo não precisa ser necessariamente uma viagem ou passeio para destinos distantes, os alunos podem e devem conhecer os espaços em que estão inseridos, como o entorno da escola, o bairro e a cidade onde moram, pois o lugar apresenta elementos geográficos suficientes para entender o mundo globalizado.

A outra metodologia apresentada neste artigo, que consiste na utilização de charges, cartuns e quadrinhos, é uma alternativa que não envolve tantas dificuldades na abordagem em sala de aula. É um recurso didático com uma linguagem alternativa, de fácil acesso e baixo custo. A aplicação desse recurso nas aulas de Geografia pode atender vários objetivos e diversos temas, sendo necessário que o professor faça uma seleção crítica dos quadrinhos, cartuns ou charges a serem utilizados, assim como escolha os mais apropriados de acordo com o conteúdo a ser ensinado. O mais interessante na utilização desse recurso é possibilitar uma aula mais dinâmica com

diferentes interpretações, de forma leve e com humor, despertando o interesse dos alunos, motivando-os em aprender-apreender novos conhecimentos/conteúdos. Esta é uma metodologia que proporciona aos estudantes uma leitura de mundo através de formas diferenciadas de representação da realidade.

Considerações finais

Partindo dos ensinamentos dos autores estudados, está claro que para tornar o processo de ensino-aprendizagem significativo é preciso conhecer os alunos e utilizar os conhecimentos que os mesmos possuem como ponto de partida para a mediação de novos conteúdos, ou até mesmo o aprofundamento dos já apreendidos. O professor deve explorar o universo no qual os estudantes estão inseridos e buscar formas, técnicas e estratégias para motivá-los a aprender e apreender novos conteúdos, assim como transformar conhecimentos do cotidiano em conhecimentos científicos.

Para tanto, existem várias opções de recursos materiais para incrementar as técnicas e estratégias no ensino-aprendizagem. O trabalho de campo, os quadrinhos, as charges, entre outros, são ótimos recursos para utilizar. Apresentam características importantes como: propiciam a investigação, são instigantes, criativos, críticos, questionadores e divertidos, possibilitando ao professor conduzir sua mediação de forma próxima à realidade e o interesse dos alunos, despertando a motivação em aprender a exercitar a pesquisa e interpretação de novos conhecimentos.

Todas as ferramentas metodológicas apresentadas neste artigo podem contribuir muito no ensino da Geografia, mas não conseguimos aplicar durante a nossa prática docente, em virtude das limitações impostas pelo modelo e estrutura da educação de jovens e adultos. O projeto da EJA do Colégio Municipal Maria Luiza de Melo é fragmentado em módulos e pautado em aulas tradicionais, e o pouco tempo que tínhamos com os alunos não favorecia a utilização de metodologias diferenciadas. No estágio planejamos e ministramos 20 aulas de 40 minutos cada, distribuídas em dois dias na semana, que consistiram basicamente em aulas expositivas e dialogadas, e na produção de textos e trabalhos individuais ou em grupo, que abordaram os conteúdos de Geografia previstos para a 8ª série do ensino fundamental II da EJA.

A experiência de lecionar em uma turma da EJA nos mostrou a necessidade de trabalhar na educação de jovens e adultos com abordagens diferentes das realizadas com as crianças e adolescentes do ensino regular. Acreditamos que é possível superar as dificuldades que encontramos e utilizar o trabalho de campo, os quadrinhos e as charges, como metodologias de ensino para atender à vários objetivos e diversos conteúdos, através da possibilidade de um projeto educativo pautado na interdisciplinaridade e na pesquisa, como já acontece na EJA de Florianópolis, e a exploração de espaços conhecidos e vividos pelos estudantes.

O ensino da Geografia pode e deve utilizar todos os métodos e técnicas capazes de motivar o aluno a despertar para um posicionamento perante o saber teórico e para a realidade vigente, e dar novo significado ao que está sendo estudado. Cabe ao professor construir e adaptar o currículo escolar à diversidade de sujeitos presentes na sala de aula, contemplando as diferentes experiências de vida, diferentes experiências espaciais, diferentes imaginários geográficos e diferentes lugares que vivenciam, construindo um saber mais próximo do cotidiano desses alunos.

Referências Bibliográficas

AZAMBUJA, Leonardo. Metodologias Cooperativas para ensinar e aprender geografia. In: CALLAI, Helena Copetti (Org.). **Educação geográfica: reflexão e prática**. Ijuí, RS: Editora Unijuí, 2014, p. 185 a 210.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em: 16 nov. 2017.

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 16 nov. 2017.

CALLAI, Helena C. **Estudar o lugar para compreender o mundo**. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano. 11ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2013, p. 83 a 134.

CASTELLAR, Sônia; VILHENA, Jerusa. **Ensino de geografia**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Jovens escolares e suas práticas espaciais cotidianas: o que tem isso a ver com as tarefas de ensinar Geografia? In: CALLAI, H. C. (Org.). **Educação geográfica: reflexão e prática**. Ijuí, RS: Editora Unijuí, 2011, p. 35 a 60.

_____. A Geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas. **Anais...** do I Seminário Nacional: currículo em movimento – Perspectivas atuais. Belo Horizonte, novembro de 2010.

_____. Geografia Escolar, formação e práticas docentes: percursos trilhados. In: CASTELLAR, Sônia Maria Vanzella; MUNHOZ, Gislaine Batista (orgs). **Conhecimentos escolares e caminhos metodológicos**. São Paulo: Xamã, 2012.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e Tecnologias**: o novo ritmo da informação. 8ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

MACHADO, Helen C.; WIEDERKEHR, Natalia Cristina. A importância do estudo do meio na geografia: estudo de caso na E.B.M. Dilma Lúcia dos Santos, turma 71, Florianópolis – Santa Catarina. In: FERRETTI, Orlando; CUSTÓDIO, Gabriela A. (orgs). **Artigos da disciplina estágio curricular supervisionado em geografia II**: segundo semestre de 2013. Florianópolis: NEPEGeo; UFSC, 2014. Disponível em http://nepegeo.ufsc.br/files/2014/06/Artigo_Helen_Natalia.pdf. Acesso em 16 nov. 2017.

MACHADO, Vanessa C.; MATTOS, Mayra de. Ensino de geografia na educação de jovens e adultos. In: FERRETTI, Orlando; CUSTÓDIO, Gabriela A. (orgs). **Artigos da disciplina estágio curricular supervisionado em geografia II**: segundo semestre de 2013. Florianópolis: NEPEGeo; UFSC, 2014. <http://nepegeo.ufsc.br/files/2014/06/ARTIGO-Vanessa-e-Mayra.pdf>. Acesso em 16 nov. 2017.

MAFRA, Raquel Francisco; FERNANDES, Ademar. Educação geográfica na EJA: possibilidades e desafios para os docentes em formação. In: FERRETTI, Orlando; SPRINGER, Kalina S. (orgs). **Artigos da disciplina estágio curricular supervisionado em geografia II**: segundo semestre de 2014. Florianópolis: NEPEGeo; UFSC, 2014. Disponível em: <http://nepegeo.ufsc.br/artigos-para-a-disciplina-estagio-supervisionado-em-geografia-ii/>. Acesso em 25 nov. 2017.

MARTINS, Rosa Elisabete MilitzWypczynski. A formação do professor de geografia e a autonomia na prática docente. In: **Anais...** do 12º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia (12º ENPEG). João Pessoa, 2013.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. A Geografia como ciência da sociedade e da natureza In: _____ **Para ensinar e aprender Geografia**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. Geografia, representações sociais e escola. **Terra Livre**, v. 145, p. 145, 2000.

PRESTES, Emília Maria da T.; SOUSA, Alessandra C.; SANTANA, Kelly I. A Motivação e Aprendizagem na Educação de Jovens: uma experiência com o PROJOVEM. In: **Espaço do Currículo**, v.3, n.1, p.74-100, mar./set.,2009. Disponível em: <file:///C:/Users/Win7/Downloads/3685-6096-1-PB%20(4).pdf>. Acesso em 14 nov. 2017.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SILVA, Eunice Isaias da; CAVALCANTI, Lana de Souza. A mediação do ensino-aprendizagem de Geografia, por charges, cartuns e tiras de quadrinhos. **Boletim Goiãno de Geografia**. Volume 28, n. 2, p. 141 - 156, Goiânia, jul./dez. 2008.

SILVA, Eunice Isaias da. Charge, cartum e quadrinhos: linguagem alternativa no ensino de Geografia. **Revista Solta a Voz**, Goiânia, v. 18, n.1, p. 41-49, jan./jun. 2007.

SZARAZGAT, Maurício. O uso dos recursos paradidáticos no ensino de geografia e sua relação com a experiência no estágio obrigatório. In: FERRETTI, Orlando; CUSTÓDIO, Gabriela A. (orgs). **Artigos da disciplina estágio curricular supervisionado em geografia II**: segundo semestre de 2013. Florianópolis: NEPEGeo; UFSC, 2014. Disponível em: <http://nepegeo.ufsc.br/files/2014/06/Artigo-Maur%C3%ADcio.pdf>. Acesso em 26 nov. 2016.